

ALMADA, NARRATIVAS DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

ROSELANE GOMES BEZERRA¹

Resumo: Este artigo analisa as narrativas dos planos de intervenção na cidade de Almada. A partir de uma investigação empírica foi desenvolvida uma articulação entre a ideia de “cidade imaginada” e de “cidade real”. O suporte de observação foram os discursos veiculados por decisores políticos em *outdoors*, com imagens dos projetos de intervenção e em revistas com informações sobre a implementação de programas de reformas urbana, dessa forma apresento uma reflexão a respeito de políticas urbanas e do processo de transformação da cidade.

Palavras-chave: *Narrativas. Cidade imaginada. Políticas urbanas.*

INTRODUÇÃO

Ao deter o meu olhar nas narrativas verbais e visuais dos projetos de intervenção na cidade de Almada, em Portugal, percebi que essas representações seriam boas para pensar a temática da cidade e da ação de visibilidade da política urbana². Nesse sentido, ao observar com atenção as imagens dos planos de requalificação em Almada a minha primeira questão foi: que aspectos da política urbana estão sendo divulgados nessas narrativas?

Em primeiro lugar compreendo as imagens e os discursos, como uma representação do processo de transformação urbanística que essa cidade vem vivenciando nos últimos anos. Trata-se de uma produção simbólica, concernente a mediatização de uma política urbana, que visa intervir na cidade estabelecendo novas apropriações espaciais.

O exame das narrativas verbais e visuais na cidade de Almada permitiu perceber também que antes dos novos lugares se consolidarem, por meio das intervenções, as imagens dos projetos arquitetônicos estão a desempenhar não só o papel de apresentar aos potenciais utilizadores os

¹ Doutora em Sociologia pela *Universidade Federal do Ceará* (UFC). Atualmente é bolsista de pós-doutoramento da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT-Portugal). Investigadora do Núcleo de Estudos sobre Cidades, Culturas e Arquitetura do *Centro de Estudos Sociais* (CES) da *Universidade de Coimbra*. Membro da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos. E-mail: lane.bezerra@hotmail.com

² A cidade de Almada se localiza na margem do rio Tejo de frente para a cidade de Lisboa, tem cerca de 101.500 habitantes, pertence ao distrito de Setúbal e esta dividida em 11 freguesias. Almada deixou de ser uma cidade industrial nos anos 1990 e por esse motivo tem muitos espaços desocupados, especialmente nas antigas instalações ligadas a indústria naval e outras indústrias e armazéns nas margens do rio Tejo.

espaços imaginados, mas também estão a ser utilizados pelos decisores políticos como uma figura de linguagem que fetichizam a estética da arquitetura e a transformam num meio de anunciar um conceito de urbanidade.

É sabido também, que esses planos de transformação da urbe buscam muitas vezes, diferenciar as cidades por meio da apresentação de novos equipamentos, coligados com alguns resquícios de uma arquitetura antiga. Ou seja, são planos de transformação urbana que buscam “requalificar”, espaços considerados “degradados” ou “renovar” áreas históricas preservando ícones do passado (Fortuna, 2008; Bezerra, 2008; Barreira, 2007; Leite, 2004).

Para um melhor entendimento desse fenómeno urbano contemporâneo apresento a seguir algumas reflexões e informações sobre as imagens e classificações dos planos de intervenção *Almada Nascente* e *Almada a metro do futuro*.

Almada Nascente – Cidade da Água



Figuras 1 e 2: Projeto Almada Nascente. Fonte: Revista *Almada Informa*.

O Plano de Urbanização Almada Nascente tem como objectivo reabilitar cerca de 115 hectares entre as freguesias de Cacilhas e da Cova da Piedade, envolvendo e integrando os antigos estaleiros navais da Margueira. O projecto prevê a construção de um pólo de desenvolvimento regional e nacional, transformando o atual “cemitério industrial” em zona residencial, de lazer, cultura e hotelaria. Os decisores políticos acreditam que a “nova Almada” virá a ser encarada como a margem esquerda de Lisboa e que irá proporcionar “a melhor vista para esta cidade”. Segundo, Mário Donas, presidente do Fundo Margueira, que gere o património imobiliário deste espaço, esse fato tem vindo a gerar um certo deslumbramento por parte dos potenciais investidores.³

Na edição de Novembro de 2008 da revista *Almada informa*, distribuída pela Câmara Municipal de Almada, são apresentadas duas imagens da futura “Cidade da Água” e um texto que contempla

³ Dados publicados na revista Magazine de Janeiro de 2008.

a seguinte explicação: “O Plano de Urbanização Almada Nascente – Cidade da Água, que está a ser desenvolvido pela autarquia para a zona da Margueira, vai ficar contemplada no projecto Arco Ribeirinho Sul (...) Este projecto tem como objectivo reabilitar um conjunto de terrenos da Margem Sul do Tejo outrora ocupados por grandes instalações industriais, agora desactivadas, como é o caso da Lisnave, da Siderurgia Nacional e da Quimiparque”.

As imagens apresentadas na matéria foram retiradas do projeto elaborado pelo Consórcio Atkins; Santa Rita, arquitetos e Richard Rogers *partnership*. Na primeira imagem visualizamos a representação do arco da Lisnave restaurado⁴, prédios com muitos andares, uma esplanada com árvores e bancos, um navio e muitas pessoas em grupo, sentadas ou de pé (Figura 1). Na segunda imagem há uma representação de um Museu da Expo, alguns prédios, árvores e pessoas (Figura 2).

A imagem que contém o arco da Lisnave está presente também em *outdoors* encontrados em diferentes pontos da cidade. Nessas imagens da “Cidade da Água”, estão escritas as seguintes frases: “Almada Terra Pensada. Terra Amada”, e “Almada Nascente. Cidade da Água. O Ontem pensado. O Amanhã desejado”. No mês de Outubro de 2009, esses *outdoors* passaram a apresentar também, uma frase em forma de carimbo, sobreposto a imagem com a expressão: “Plano de Urbanização Aprovado”.



Figuras 3 e 4: Outdoor com a divulgação do metro e maquete do projeto.
Fonte: Revista Almada Informa.

Quanto ao *Plano Almada a um metro do futuro* identifiquei diversas matérias descrevendo passo a passo o processo de construção das linhas do Metro Sul do Tejo (MST) selecionei os textos publicados nas edições dos meses de Abril, Maio e Outubro de 2008. A matéria de Abril de 2008, intitulada: “Espaço moderno e funcional: largo de Cacilhas recebe terminal MST”, descreve a construção do terminal do MST em Cacilhas como um processo de “requalificação”.

⁴ Esse arco pertencia ao antigo estaleiro naval da Lisnave e continua presente em meio a deterioração desse espaço.

As imagens presentes nesse artigo expõem a maquete da estação terminal do metro, explicando como será o percurso dos utentes após a instalação do terminal do metro, especialmente quanto: a ligação entre os barcos, as bilheteiras do MST e dos Transportes Sul do Tejo (TST) e a circulação das pessoas.

Qualificando-o como o “novo Largo Alfredo Dinis”, o texto publicado explica que o terminal proporcionará um acesso mais “rápido e confortável” entre o barco e o metro, acrescentando que o “trânsito será disciplinado”. Outros aspectos abordados são: 1) a instalação do “Farol de Cacilhas”, “emblemático símbolo da freguesia, que voltará a este local”. Esse Farol entrou em funcionamento em 1886, e em 1978 foi retirado e enviado para a ilha Terceira nos Açores. O equipamento foi totalmente restaurado e é considerado pela Câmara Municipal um ícone da história da freguesia de Cacilhas; e 2) a “criação de uma pequena zona de estadia para se poder desfrutar da vista sobre o estuário do Tejo”. Ressalta-se porém, que esse terminal é provisório, pois prevê-se que, no âmbito do Plano Almada Nascente – Cidade da Água, seja construído uma interface de transportes públicos junto à ex-Doca 13, nos terrenos da antiga Lisnave.

Na revista de Maio de 2008, há uma explicação do projecto “Almada a um metro do futuro”, por meio de uma matéria cujo título é: “Uma cidade que se renova”. De forma resumida há um destaque para as transformações da cidade afirmando que “aos poucos, almadenses e visitantes começam a usufruir dos novos espaços que vão sendo concluídos. Passeios mais largos, novas árvores e novo mobiliário urbano renovam a cidade”.

Os *outdoors* que divulgavam esse projecto apresentavam o *slogan* “Almada a um metro do futuro”, contudo alguns relacionavam a ideia do “metro” com o encurtamento de distâncias dentro da cidade, como por exemplo: “Almada a metro das compras”, “Almada a um metro do trabalho” ou “Almada a metro de tudo”. Outro tema abordado nessas imagens é a preservação do meio ambiente, neste caso, existe um apelo da substituição do automóvel pelo metropolitano, como na frase “Vais ter um amigo no metro, um amigo do ambiente” (Figuras 3 e 4).

Representações verbais e visuais

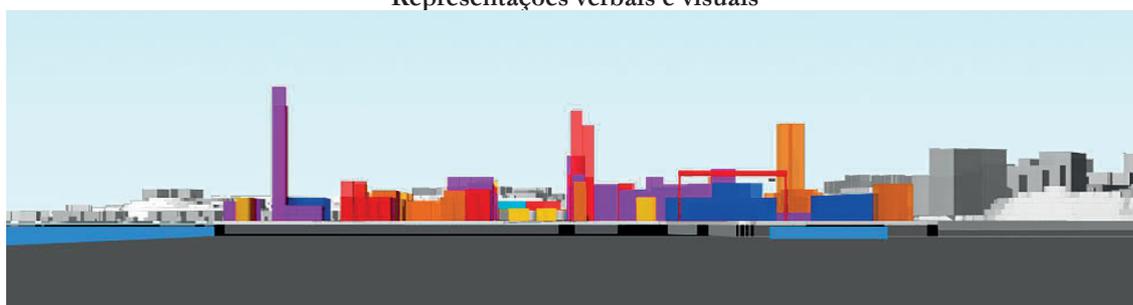


Figura 5: Plano Almada Nascente. Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=220967>

Percebo que essas narrativas urbanas, conforme descritas acima, estão a demonstrar que os decisores políticos apresentam a “cidade imaginada”, ou seja, os espaços da urbe projetados para os planos de intervenção, como: uma “cidade do futuro” ou uma “nova” cidade. Nesse sentido, os projetos, “Almada Nascente” e “Almada a um metro do futuro”, são recorrentemente apresentados como planos que irão contribuir para a construção de uma “nova cidade”. Esta ideia do “futuro”, também é perceptível nas imagens que projetam um novo estilo arquitetónico a ser construído na margem Sul do Tejo.

Outro dado relevante é um apelo ao ordenamento e a disciplina no espaço urbano. Que pode ser notado na representação de uma perfeita sintonia entre as pessoas, os automóveis, os transportes públicos e o espaço urbano. O aspecto de *gentrification*, perceptível em algumas imagens dos projetos, pode ser decorrente da inexistência de pessoas indesejadas como, vendedores ambulantes ou pedintes, que muitas vezes ocupam os espaços que possuem uma grande circulação de pessoas.

As narrativas atestam também uma importância dada pelos gestores à permanência, ou mesmo ao retorno, de alguns ícones do passado. Como por exemplo, nas imagens do arco, que pertenciam ao antigo estaleiro naval da Lisnave, cercado pelas novas edificações da futura “cidade da água” ou do Farol de Cacilhas. Essas representações da “cidade imaginada” demonstram também que a história e a memória da cidade devem estar fixadas nas edificações, por meio da permanência de símbolos emblemáticos. Esse fato evidencia que um dos objetivos da política urbana de Almada é importar referências do passado para o futuro da cidade, mas com disciplina e ordenamento.

Outro objetivo dos decisores políticos de Almada, representadas especialmente nos *outdoors* que divulgam o projecto *Almada a um metro do futuro*, é um apelo a diminuição do trânsito automobilístico. Essa solicitação vem acompanhada de uma política ambiental que centraliza nos automóveis o alvo dos seus protestos. Assim, se é possível falar do *punctum* (Barthes, 1980) das imagens desse projecto eu o definiria como a tranquilidade e a descontração presente na postura das pessoas. O perfil dessas personagens é antagónico a representação do urbanita que passa a maior parte do seu dia “preso” no trânsito e por esse motivo com uma aparência de cansaço. Assim sendo, nas imagens do projeto *Almada a um metro do futuro*, as personagens se destacam como participantes de uma “cidade ordenada”, a tranquilidade de seus semblantes demonstra que a instalação do metropolitano é uma boa política para tornar o “trânsito disciplinado”.

As classificações utilizadas para definir os planos de intervenção em Almada, nos meios de comunicação social, também foram importantes para perceber como as narrativas constituem uma metáfora de uma política urbana. Neste caso, os léxicos: requalificar; reabilitar, criar, renovar, implantar, construir, modernizar, disciplinar e as expressões: “Almada a um metro do futuro”, “Ontem pensado, amanhã desejado, Terra amada, Terra pensada” e “Símbolo emblemático”, realçam a ideia de que os gestores planeiam para Almada a “criação” de novos espaços urbanos, no sentido de construir uma

cidade moderna e voltada para o “futuro”, mas com o reforço de uma identidade da cidade ancorada nas referências do passado.

A “CIDADE IMAGINADA”: ALGUMAS CONCLUSÕES

Após esse percurso nas principais avenidas da cidade de Almada, a observar cuidadosamente as imagens relativas aos projetos de intervenção e a analisar as narrativas de diversos números da revista *Almada Informa*, percebi que os decisores políticos se apoiam em diferentes elementos para fundamentar as transformações no espaço urbano. Dentre alguns factores foram identificados os seguintes: a criação de novas centralidades, o ordenamento do espaço e do trânsito, a protecção do meio ambiente, a preservação da memória, da história e cultura da cidade, por meio da manutenção de alguns equipamentos antigos. Compreendi também, que essas ações têm como objetivo principal a criação de uma “cidade do futuro” sem a perda da identidade pretérita.

Nesse sentido, a “cidade imaginada” na qual se assentam os “novos” espaços urbanos, contém idealizações, memórias e também utopias (Pais, 2009), ou seja, abrange os imaginários de como vai ser o “lugar ideal”. Porém, como não podemos definir uma cidade como um “vir-a-ser”, concordo com Cancline (2008) ao afirmar que pactua com a corrente de pensamento urbano que vê as cidades em tensão entre o que elas são e o que queríamos que fossem.

Essa tensão é o indício sociológico que encontro nas imagens da cidade, enquanto metáfora de uma política urbana. O fato da “cidade das imagens” ser uma projecção, torna a divulgação das imagens dos processos de intervenção urbana, um fenómeno social importante para entendermos a relação entre a cidade real e a cidade imaginada.

Dentro dessa lógica, é importante ressaltar que as noções de “reabilitação, recuperação, revitalização, requalificação, regeneração ou reanimação”, enquanto léxicos utilizados pelos promotores dos projetos de intervenção, descrevem os contextos de transformações urbanas, ou seja, o trajecto entre a cidade actual e a cidade idealizada.

Existe também, a “recomposição” da cidade, que pode ser entendida como as iniciativas de atribuir “novos” significados à monumentos antigos, com o objetivo de manter a história da cidade em meio as novas edificações. Esse dado pode ser observado nos objetivos do projecto, *Almada Nascente – Cidade da Água*, que tem como justificativa, “a recomposição de uma paisagem integradora das referências do passado”. O texto de apresentação do projeto de urbanização de Almada afirma também que: “Exige-se uma resposta ajustada à singularidade do lugar, integradora dos tempos, das gentes e dos seus símbolos”.

Esses fatos demonstram que o prefixo “re”, esta sendo utilizado como o elo de ligação entre a cidade real e a cidade imaginada. As imagens dos projetos de intervenção estão a servir de suporte para a “manutenção” de uma identidade da cidade. Nesse sentido, está a existir uma fetichização do passado na arquitectura.

O debate a respeito dessa representação do passado das cidades, na arquitetura, foi estabelecido de forma fecunda nos anos 1980, por autores como, Jameson (1984); Lyotard (1986); Habermas (1988) e Harvey (1989). Porém, se as imagens dos projectos de intervenção na cidade de Almada podem ser identificadas como uma ação de visibilidade de política urbana, que agrega símbolos emblemáticos do passado para a construção da imagem da “cidade do futuro”, entendo que faz-se necessário discorrer brevemente, a respeito da relação entre o “internacional”, o “local” e o “genérico” na arquitectura urbana contemporânea.

Um sucinto exame da história da arquitectura contemporânea nos permite perceber que o “modernismo” não contemplava esse modelo de “personalização” arquitectónica. Nesse sentido, o arquitecto italiano Aldo Rossi (1977), já afirmava que o “projecto modernista matou as cidades”, tornando-as “internacionalizadas” e fazendo com que o cidadão perdesse todas as suas referências de identidade numa cidade homogénea. Esse “estilo internacional” – termo introduzido por Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson (1932), para designar essa nova arquitectura – tem sua origem relacionado com a construção do Bairro Weißenhof, em Estugarda na Alemanha em 1927.

Vale salientar, que a grande divulgação dessa obra de urbanização projetada por Ludwig Mies van der Rohe e realizada por um grupo de arquitectos internacionais, incluindo nomes como Peter Behrens, Walter Gropius e Le Corbusier, impulsionou a organização, pela primeira vez em 1928, dos *Congrès International d'Architecture Moderna* (CIAM). Esse evento, que pode ser definido como um marco da arquitetura moderna, contou até o ano de 1956 com dez versões, e teve como principais temas: “a habitação mínima”, “a arquitectura racional” e “a cidade nova”. O concreto, o aço e o vidro foram os elementos que mais contribuíram para a internacionalização da imagem das cidades e dominaram o desenvolvimento arquitectónico até o final dos anos 1960.

A ruptura com esse *international style* está relacionada com o “movimento pós-moderno”, o qual tem como marco simbólico a polémica exposição *Strada Novissima* na Bienal de Veneza de 1980. Com o subtítulo *A presença do passado*, a mostra fez um apelo a história com um destaque para a frase: “É de novo possível aprendermos com a tradição e vincularmos nosso trabalho à finura e à beleza do passado”. Ressalto, que a importância histórica desse evento foi a de expor pela primeira vez a arquitectura pós-moderna, que se distinguia por uma crítica a “universalização das formas”, característica da arquitetura moderna.

A emergência dessa tendência na arquitetura tem dois nomes que se destacam: o estado-unidense, Richard Venturi, autor de *Complexity and Contradiction in Architecture* (1966) e *Learning from Las*

Vegas (1972)⁵ e o italiano Aldo Rossi, autor de *L'architettura della città* (1966)⁶. Nos livros, assim como na obra de Venturi, encontramos um apelo à valorização da arquitetura vernácula ou mesmo ao *kitsch*. Tomando Las Vegas como caso exemplar, esse autor defendia que as placas luminosas, as auto-estradas, com comércios e postos de gasolina, e as edificações em forma de objetos, como no exemplo já muito divulgado de uma loja em New Jersey que vendia carne de pato em formato de pato, deveriam ser casos de estudo dos arquitetos. Pois, os gostos estéticos das pessoas deveriam ser respeitados.

Rossi, que pode ser considerado como a versão europeia da crítica ao modernismo do CIAM (Rubino, 2003), argumentava que a cidade deve ser vista como o lugar da memória. Nesse sentido, baseando-se nas ideias de Halbwachs (1990) esse arquitecto defendia que a “memória colectiva” deve estar fixada nas edificações.

A ruptura com essa visão historicista herdada dos pós-modernistas é defendida pelo arquiteto Rem Koolhaas (2006). Segundo o seu ponto de vista as intervenções que as urbes vivenciam atualmente estão levando a construção de uma “cidade genérica” e nesse novo molde nem sempre o passado se reflecte no futuro. Pois, a cidade está a emergir com uma “nova identidade”.

Para finalizar, percebo que as definições da arquitetura urbana contemporânea como “internacional”, “local” ou “genérica”, demonstram que a matriz de modelo comum aos projetos de intervenção é tensão entre a cidade real e a cidade imaginada. O fato é que diferentes cidades estão sendo definidas por meio do prefixo “re”. Então, enquanto as urbes vivem esse momento de requalificação ou recomposição, podemos concluir que a chave de leitura para o entendimento das “imagens da cidade” enquanto metáfora de uma política urbana é a apreensão do significado da dimensão espaço-tempo como forma de diferenciação das cidades.

ALMADA, STORY OF A CITY IN TRANSFORMATION

Abstract: This article examines the narratives of intervention plans in Almada's city. Starting from an empirical investigation was developed an articulation between the idea of «imagined city» and «royal city». The support of observation were the discourses conveyed by policy makers on billboards with pictures of intervention programs and in magazines with information on the implementation of urban reform programs, thereby presenting a reflections about urban policy and the process of transformation of the city.

Keywords: *Narratives. Imagined city. Urban Policies.*

5 Ambos os livros estão disponíveis em português com os títulos: *Complexidade e Contradição em Arquitetura* (2004), editora Martins Fontes e *Aprendendo com Las Vegas* (2003), editora Cosac & Naify.

6 Este livro está disponível em português com o título *A arquitetura da cidade* (1977), editora Cosmos.

REFERÊNCIAS

- BARREIRA, Irllys. “Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro”. In: *Análise Social*, vol XLII (182), Lisboa, 2007.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- BEZERRA, Roselane Gomes. *O bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boemia”: usos e abusos num espaço urbano*. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade – UFC, Ed. Expressão Gráfica, 2009.
- CANCLINE, Néstor García. “Imaginários culturais da cidade”. In: COELHO, Teixeira (Org). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.
- CHAPLIN, Elizabeth. *Sociology and Visual Representation*. London and New York. Routledge, 1994.
- DOMINGUES, Álvaro (Org). *Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal*. Lisboa: Argumentum Edições, 2000.
- FORTUNA, Carlos. “Imaginando a democracia: Do passado da sociologia para o futuro das cidades”. In: LEITE, Rogério Proença (Org). *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*. São Cristóvão: Editora Universidade Federal de Sergipe, 2008.
- HABERMAS, Jürgen. “Arquitectura moderna y posmoderna; la modernidad: un proyecto inacabado”. In: _____ . *Ensayos políticos*. Madri, Península, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Vertice, 1990.
- HARVEY, David. *The condition of postmodernity*. Oxford, Blackwells, 1989.
- HITCHCOCK, Henry-Russell, and HITCHCOCK, Philip C., *The International Style: Architecture since 1922*, W. W. Norton & Company, New York (1932), second edition 1966; reprint of 1932 edition 1996.
- JAMESON, Fredric. “Postmodernism or the cultural logic of capitalism”. In: *The New Left Review*, nº 146, julho/agosto de 1984.
- KOOLHAAS, Rem. *La ciudad genérica*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE, UFS, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- MARTINS, José de Sousa. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- PAIS, José Machado. “Um dia sou turista na minha própria cidade’. Sociedade, urbanismo e políticas culturais”. In: *Cidades - Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET/ISCTE, nº 18, Junho de 2009, p. 29-40.
- RODRIGUES, Jorge de Sousa. “Infra-estrutura e urbanização da margem sul: Almada, séculos XIX e XX”. In: *Análise Social*, vol XXXV (156), Lisboa, 2000, p. 547-581.
- _____. “O Arranque da Metropolização na Margem Sul: Factores e modos de urbanização da

região de Almada (1935-1947)”. In: PINHEIRO, Magda; BAPTISTA, Luís V.; VAZ, Maria João (Orgs). *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras: Celta, 2001.

ROSSI, Aldo. *A arquitetura da cidade*, Lisboa: Cosmos, 1977.

RUBINO, Silvana Barbosa. *Quando o pós-modernismo era uma provocação*, Resenhas online do livro Aprendendo com Las Vegas. Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo, Cosac e Naify, 2003. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha072.asp>>.

VENTURE, Richard. *Complexity and Contradiction in Architecture*, New York: The Museum of Modern Art Press, 1966.

_____. *Learning from Las Vegas* (com D. Scott Brown e S. Izenour), Cambridge MA, 1972.

Recebido em 10/03/2013. Sugestão do Conselho Editorial.